

# **BULLYING: UM OLHAR A PARTIR DA REALIDADE DE UMA ESCOLA PRIVADA DE BAGÉ-RS**

Aline Luiz Garcia<sup>\*</sup>

Claudete da Silva Lima Martins<sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a ocorrência de Bullying em uma escola privada de Bagé-RS. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa na perspectiva de estudo de caso. O objetivo desta pesquisa foi investigar a ocorrência de Bullying em uma escola privada de Bagé-RS e identificar a forma com que os professores reagem diante dessas práticas. Foram entrevistados 23 (vinte e três) alunos e 6 (seis) professores da escola investigada sobre a presença de Bullying na escola e sobre os métodos adotados pelos docentes no intuito de diminuir tais incidências. Os resultados obtidos evidenciaram que na escola ocorrem situações de Bullying e que tais práticas começam, em geral, dentro da sala de aula estendendo-se para fora dela. Podemos observar que os professores, diante de tais práticas, adotam uma postura passiva, não interveem e acreditam que tais incidências são normais e/ou brincadeiras de criança. Notamos, também, que ainda falta uma ação conjunta entre os docentes, pais e alunos da escola no intuito de diminuir tais incidências de Bullying dentro e fora da escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying, Educação, Escola Privada.

## **1- INTRODUÇÃO**

Segundo Olweus (1993), o Bullying se constitui em uma subcategoria bem delimitada de agressão ou comportamento agressivo, caracterizado pela repetitividade e assimetria de forças. É uma agressão, na maioria das vezes, física que se difere de agressões isoladas por ser frequente e contínua.

De acordo com Fante (2005), o Bullying pode ser responsável pelos vários resultados negativos no processo de aprendizagem, no relacionamento interpessoal entre alunos e no próprio desenvolvimento psíquico, devido as suas ações, dentre elas: maltratar, causar sofrimento, desestruturar o emocional e acabar com a motivação da vítima em relação à vida escolar e em sociedade.

A pesquisa realizada teve como objetivo investigar, discutir e refletir a respeito da ocorrência de Bullying em uma escola privada de Bagé-RS percebendo a forma com que os

---

<sup>\*</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras pela UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa). E-mail: al.garcia2009@hotmail.com

<sup>\*\*</sup> Professora adjunto da UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa), doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas- UFPEL. Orientadora desse trabalho. E-mail: claudeteslm@gmail.com

professores discutem e tratam este tema na escola. A metodologia empregada segue os pressupostos do estudo de caso tendo como sujeitos vinte e três alunos e seis professores.

A definição pela escolha da temática e do campo de investigação ocorreu com base na convivência que tive com professores, funcionários, pais e alunos dessa escola durante 5 anos (3 anos na escola de ensino regular e 2 anos no jardim de infância que fazia parte da mesma rede de ensino), pois sou mãe de um dos alunos dessa escola. Ao longo desse período, foi possível observar alguns casos que poderíamos classificar como Bullying, um, inclusive, que se agravou indo parar na justiça.

Além disso, a escolha do tema justifica-se pela importância de discussão de Bullying, na atualidade, e pela observação de atitudes que poderíamos configurar como Bullying na escola pesquisada. Tais atitudes me preocupam enquanto mãe, acadêmica e futura docente. Percebemos, também, a preocupação de vários pais que veem seus filhos sendo prejudicados pelo Bullying.

Por tratar-se de uma escola privada, podemos ter a ideia de que, em razão de um maior controle do ensino e da formação cultural dos pais, não há Bullying. Contudo, essa relação não corresponde a realidade como discutiremos a seguir. Além de verificarmos se ocorre ou não Bullying na escola pesquisada, buscaremos investigar quais tipos de Bullying são praticados e quais intervenções são feitas pelos professores para diminuir tais incidências.

Portanto, o problema que envolveu a pesquisa está centrado nas possíveis ocorrências de Bullying em uma escola privada de Bagé-RS e nas formas com que os professores lidam com este problema. Desta forma, trabalhamos com duas hipóteses para a incidência de Bullying na escola investigada.

A primeira hipótese é que não há a incidência de Bullying na escola pesquisada, mas casos de agressão isolados e não frequentes e, por isso, a escola não desenvolveu, ainda, projetos mais objetivos, optando por palestras com especialistas em Bullying para que, dessa forma, os casos de agressão não se tornem incidências de Bullying.

A segunda hipótese é que há a incidência de Bullying na escola, contudo por ser uma escola privada tais ocorrências costumavam ser afastadas e/ou abafadas, tornando-se tabu para os professores e funcionários que são impedidos de intervir e tratam os casos como algo normal da idade ou como “brincadeira de criança”.

Este trabalho está estruturado em 5 (cinco) partes, iniciando pela introdução e encerrando pelas considerações finais.

A primeira parte é a introdução ao trabalho, onde apresentaremos a definição do tema em linhas gerais, a delimitação do assunto, os objetivos do trabalho e as razões que justificam a relevância do tema.

Na segunda parte denominada “Bullying: O que é e como se apresenta” apresentaremos os tipos de Bullying, sua incidência dentro do espaço escolar e fora dele, os meios de comunicação e sua influência, bem como os protagonistas de Bullying com especial destaque para discussão sobre o Bullying no espaço escolar.

Na terceira parte, apresentaremos o percurso metodológico utilizado na presente pesquisa.

Na quarta parte, apresentaremos a análise dos dados coletados, fazendo o contraponto entre as respostas dadas pelos alunos às respostas dos professores.

A quinta e última parte do trabalho é composta pela discussão dos resultados e apresentação das considerações finais.

## **2- BULLYING: O QUE É E COMO SE APRESENTA**

Para compreendermos a temática em estudo, apresentaremos alguns conceitos de Bullying bem como as diferentes formas como o Bullying se apresenta no ambiente escolar.

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento Bullying”. (FANTE, 2005, p. 28 e 29).

Muitas vezes a gestão escolar, a família e a comunidade não percebem a gravidade da situação em que a escola se encontra em relação ao Bullying. Compreendemos que a comunidade escolar, de um modo geral, muitas vezes considera que os atos violentos são apenas brincadeira de criança, que elas estão crescendo e que com o tempo irão amadurecer deixando os atos no passado. Tal pensamento faz com que o Bullying seja mascarado e tratado, erroneamente, como normal e corriqueiro. As vítimas de Bullying, na maioria das vezes, desconhecem o motivo pelo qual estão sendo perseguidas e, sentindo-se com medo, não revelam as agressões aos pais e professores e quando as revelam, não são levadas a sério.

Pereira (2002, p.16), em sua obra, define o tema da seguinte forma:

(...) comportamentos agressivos de intimidação e que se apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular e freqüente.

O Bullying é um fenômeno antigo, porém, segundo Fante (2005), foi só a partir da década de 1970 que foram realizados estudos sobre esse tema e suas implicações. A sociedade sueca foi uma das primeiras a estudar esse tipo de comportamento, estudos estes que se estenderam a os outros países escandinavos.

Segundo Smith; Sharp (1994 apud PEREIRA, 2002) o Bullying, nessa época, é descrito como abuso sistemático de poder, pois são comportamentos agressivos exercidos por um ou mais indivíduos sobre outros e identificados pela intencionalidade de magoar alguém. O termo “valentão” e os verbos “brutalizar” e “tiranizar” é representado pela palavra inglesa *bully*, daí a origem do termo.

Conforme Silva (2010), Bullying é um termo de origem inglesa, adotado em vários países, para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar um sujeito e colocá-lo sob tensão. A autora chama atenção para aqueles alunos que consideram os cochichos, deboches e apelidos como uma brincadeira natural.

Para Silva (2010,) o Bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

Fante (2005) cita três critérios importantes, estabelecidos por ele, para que seja possível identificar corretamente os casos de Bullying escolar, são eles:

- Ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo;
- Desequilíbrio de poder dificultando a defesa da vítima;
- Ausência de motivos que justifiquem os ataques.

Há uma diferença entre o Bullying praticado por meninos e meninas: enquanto os meninos utilizam, com maior frequência, a força física, as meninas se valem das agressões verbais e calúnias espalhando fofocas e mentiras sobre a vítima.

Neste trabalho adotamos o conceito defendido por Fante (2005) por ser um conceito atual e configurar Bullying de maneiras distintas entre meninos e meninas.

## **2.1- Tipos de Bullying**

Martins (2005, apud NAIFF; NAIFF, 2014) identifica o Bullying em três tipos: diretos

físicos, diretos verbais e indiretos e alerta para um novo modo de intimidação chamada CyberBullying que na verdade é a utilização da internet para a realização desta violência. No CyberBullying os agressores geralmente utilizam sites de relacionamentos para ofender, falar mal, humilhar e espalhar notícias falsas escondendo-se através do anonimato. Para Silva (2010 p.22) “a vítima dificilmente recebe apenas um tipo de maus-tratos; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos agressores costumam vir em ‘bandos’”. Essa versatilidade de atitudes maldosas contribuiu não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar e pode se expressar das mais variadas formas.

Dentre as incidências de Bullying, identificamos sete tipos como principais que são:

**Bullying Físico:** É o mais visível, acontece por meio de agressões físicas, como o próprio nome indica.

**Bullying Material:** Acontece através do roubo e destruição de materiais importantes para a vítima.

**Bullying Sexual:** Acontece por meio do assédio, da discriminação por não aceitar a opção sexual do outro ou ainda, através da violência sexual.

**Bullying Verbal:** Esse é o mais comum e acontece por meio de cochichos, deboches e apelidos.

**Bullying Moral:** Acontece por meio de calúnias e difamações.

**Bullying Virtual (CyberBullying):** Acontece através de sites de relacionamento, comunidades, chat entre outros, além do mais comum atualmente a divulgação de vídeos de agressões pelas redes sociais.

**Bullying Cyberstalking:** Acontece de forma obsessiva: a vítima é perseguida em todos os locais. Diferente dos outros, este tipo específico de Bullying ocorre dentro e fora do espaço escolar. A intimidação persegue a vítima em espaços de lazer, em sua casa e, como os outros, na escola.

Olweus (1993), o primeiro grande estudioso do comportamento Bullying, afirma que as vítimas, em comparação com as pessoas que não sofrem Bullying, são mais ansiosas, inseguras, solitárias, têm baixa autoestima e, em geral, reagem aos ataques chorando ou se retraindo.

Outra característica das vítimas é que possuem um estilo diferente, como por exemplo, o uso de óculos, a vestimenta, a baixa estatura ou estatura elevada, a religião, a cor entre outras questões que chamam a atenção dos agressores.

O CyberBullying, como dito anteriormente, é um ato de violência, caracterizado como

tortura psicológica, xingamentos e calúnias utilizando a internet como veículo das agressões. Muitos agressores criam perfis falsos (fake) para praticarem Bullying. Essa prática vem preocupando os especialistas, educadores e pais devido a velocidade com que a internet vem se disseminando e causando sofrimento ainda maior para as vítimas. As agressões são postadas em comunidades, em sites de relacionamentos ou enviadas através de mensagens instantâneas.

Essa prática não se restringe apenas aos alunos, pois relatórios estatísticos do IBGE (2010) mencionam que adultos também são vítimas, inclusive professores, que são humilhados, ridicularizados e perseguidos por seus colegas ou se tornam vítimas de violência por parte dos alunos. Os professores, frente a essa situação se sentem impotentes, por sentirem medo de tomar maiores providências e acabarem sendo rotulados como incompetentes, que não conseguem controlar seus alunos ou, mesmo, tendo um mau relacionamento com seus colegas de profissão. Os casos de CyberBullying tem sido assunto pelo mundo todo, gerando novas modalidades, como por exemplo, o Cyberstalking que, semanticamente, consiste no uso de ferramentas tecnológicas com o objetivo de perseguir ou assediar a vítima em todos os espaços por ela frequentados.

Jesus (2008) define que *Stalking* é:

Uma forma de violência na qual o sujeito ativo invade a esfera de privacidade do sujeito passivo, repetindo incessantemente a mesma ação por maneiras e atos variados, empregando táticas e meios diversos: telefonemas em seu aparelho celular, residencial ou de ocupação, mensagens amorosas, telegramas, ramalhetes de flores, presentes não solicitados, assinaturas de revistas indesejáveis, mensagens em faixas amarradas, pregadas ou fixadas nas proximidades da residência da vítima, permanência na saída de sua escola ou trabalho, espera da sua passagem em determinado lugar, frequência constante no mesmo local de lazer, supermercados, lojas, etc. (JESUS, 2008, p. única)

Esta forma de Bullying se difere de outras formas pelo alto grau de agressividade e por perseguir as vítimas em todos os espaços: escola, lazer e, inclusive, familiar utilizando de vários meios para isso, como, por exemplo, a internet.

Sobre a prática de Bullying, Cavalcante (2004) afirma que os meninos apresentam maior envolvimento e incidências de Bullying, tanto como agressores quanto como vítimas, contudo, de acordo Fante (2005, p.66) “uma tendência mundial indica que o Bullying, anteriormente sempre associado ao comportamento masculino, vem ganhando cada vez mais espaço entre as meninas”.

Para Ruble; Martin (1998 apud BINSFIELD, 2010) uma vez que meninos e meninas

são tratados de maneiras distintas na maioria das culturas, havendo, inclusive, expectativas diferentes sobre seus comportamentos, nas brincadeiras e brinquedos infantis, logo as maneiras como praticam/sofrem Bullying também diferem.

Sendo assim, conseguimos compreender os tipos de Bullying e como são classificados e configurados.

## **2.2- Incidências do fenômeno Bullying**

Acreditamos que o Bullying nas escolas é um fenômeno muito mais comum do que os pais e professores pensam. Muitas vezes essa prática ocorre de forma mascarada, e nem sempre é percebida pelos pais, professores e funcionários.

As incidências de Bullying ocorrem, geralmente, na hora do recreio, nos intervalos, em banheiros e corredores, lugares isolados, onde as vítimas, normalmente se refugiam. Muitas vezes se estende além do contexto escolar, pois as famílias, que cada vez mais, estão sem tempo de socializar seus filhos e acabam por ser coniventes com suas práticas. Pereira (2002) destaca que o papel da escola, na atualidade, sofreu mudanças drásticas e vai além da função de formação acadêmica, agregando também funções como a socialização, formação de caráter e cidadania, ou seja, funções que antes eram da família, agora são agregadas à escola.

Nunes (2012) afirma que, atualmente, vivemos num período de crise da educação, onde o papel da escola não está tão claro. Seus objetivos já não são somente ensinar conteúdos educativos tradicionais, o espaço escolar vai além, tornando-se, também, um espaço de interação e socialização entre seus participantes. É também um lugar onde as crianças e adolescentes aprendem a se relacionar, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e segurança. Segundo Minayo (1999 apud NUNES, 2012) uma escola ideal é exatamente a escola que favorece um ambiente saudável e de formação para a cidadania, além de ser:

(...) aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador (MINAYO, 1999, p.114 apud NUNES, 2012, p 30 e 31).

Os resultados do Relatório Internacional da Saúde Mundial (CRAIG; HAREL, 2004) afirmam que o Bullying é um problema mundial que afeta cerca de um terço de crianças por

mês.

De acordo com Olweus (1993), no ano de 1982, na Noruega, três alunos adolescentes com idade aproximadamente de 14 anos, cometeram suicídio, de acordo com as informações, veiculadas nos meios de comunicação, e pelas investigações policiais, o motivo que os levou a tirarem a própria vida foi os maus tratos recebidos diariamente de seus colegas. Após, em 1983, uma campanha nacional para combater problemas relacionados à vitimização em escolas foi coordenada pelo Ministério da Educação norueguês. A partir desses episódios as autoridades, escolas e comunidades ficaram mais alertas para o que antes era visto apenas como brincadeira. Dessa forma, ocorreram mudanças significativas na forma de perceber o Bullying, pois os pesquisadores passaram a analisá-lo não só como uma simples brincadeira de criança, mas como algo que afeta emocionalmente e fisicamente a vítima.

No Brasil, segundo Fante (2005), os primeiros estudos científicos datam do ano de 2000 e só hoje as discussões cerca do assunto se intensificaram, sendo mais discutido nos meios de comunicação, despertando o interesse de todos, mas, mesmo assim, ainda apresenta certa fragilidade por parte da escola.

Uma pesquisa realizada pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) com a colaboração do LENAD (Levantamento Nacional de Álcool e Drogas) indica que 13% das crianças em ambiente escolar sofrem Bullying, sendo as meninas as que mais sofrem. Também afirma que 13,8% das meninas relataram já ter sido vítimas de maus tratos contra 12,1% dos meninos. Nesta pesquisa foram entrevistados 4.607 alunos com idade superior a 14 anos de 149 municípios do estado de São Paulo. Segundo a pesquisa, os abusos físicos, psicológicos e verbais aumentam o risco de problemas de saúde, bem como o uso de álcool e drogas na vida adulta.

Em 2002, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) aplicou uma pesquisa na cidade de Rio de Janeiro, sobre a violência nas escolas, 85 alunos de 5ª a 8ª séries, 40,5% admitiram estar diretamente envolvidos em atos agressivos na escola, sendo 16,9% alvos; 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de Bullying. O objetivo da pesquisa foi conscientizar os alunos e conscientizar os professores sobre os atos de violência no ambiente escolar, além, é claro, de orientar as famílias, a comunidade escolar e a sociedade em geral.

O IBGE (BRASIL, 2010) aponta Brasília como campeã de Bullying, com 35,6% dos alunos afirmando terem sido vítimas desta agressão. Belo Horizonte, 35,3%, Curitiba, 35,2%, São Paulo, 31,6%, Campo Grande, 31,4%, Goiânia, 31,2% e Teresina e Rio Branco, 30,8%. Com estes índices elevados de violência escolar é importante que pais e professores fiquem



atentos e alertas para esse problema que só tende a crescer, e apenas dessa forma seremos capazes de contribuir com a diminuição e extinção de Bullying.

Acreditamos que o princípio das incidências de Bullying é, na maioria das vezes, a incapacidade da vítima de se defender dos ataques do agressor. Nesse contexto, as atitudes violentas causam sofrimentos que vão progredindo de acordo com a frequência das agressões.

A escola é um ambiente educativo e de socialização, por isso é importante que os professores e funcionários, bem como a equipe diretiva observem o comportamento de seus alunos, estando atentos à mudança de comportamento dos alunos.

Para que o Bullying seja evitado nas escolas, é importante que todos trabalhem em conjunto. O professor tem o dever de colaborar para que seus alunos construam valores como respeito, bem como levando esse tema para discussão em sala de aula como uma forma de trabalhar com um assunto tão controverso e presente em nossas vidas, oportunizando assim, momentos de reflexão que auxiliarão na transformação social.

Acreditamos que os profissionais da área da educação devem proporcionar ao educando aprimoramento de suas capacidades, para que tenham êxito em suas vidas, visando à consecução do seu bem-estar, superação de suas dificuldades, permitindo a eles desenvolverem suas caminhadas, rumo a objetivos e ideais superiores, garantindo, assim, melhor acompanhamento ao processo de ensino e aprendizagem. E, que nesse contexto, sejam pessoas melhores, cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, contribuindo para uma nação mais justa e humana, pois é isto que todos devem levar para suas vidas e para seus descendentes, ou seja, construir um mundo melhor.

Neste viés, o uso das tecnologias de comunicação e informação pode ser um meio importante para que os alunos reflitam sobre o Bullying, visto que a maioria dos alunos recebem excessivas informações através destes meios passivamente. O refinamento do olhar crítico dos alunos fará com que os mesmos deixem de ser receptores passivos e comecem a refletir sobre o que ouvem e o que veem nos veículos de informação.

Esses meios também podem servir de ferramenta, por parte de pais e educadores, para o combate ao Bullying, embora no CyberBullying eles sejam os meios para que o Bullying se propague. Portanto, dependendo do uso que se faz destas ferramentas elas podem auxiliar positivamente ou negativamente.

No ano de 2010 é aprovada **LEI Nº 13.474, DE 28 DE JUNHO** (Publicada no DOE nº 121, de 29 de junho de 2010) que prevê a criação de políticas públicas em escolas públicas e privadas, com ou sem fins lucrativos do Rio Grande do sul. Assim esse projeto visa combater, conscientizar e prevenir o Bullying nas escolas.

"Estamos diante de uma epidemia social muito grave, inclusive com tentativas de suicídio e agressões a professores", justificou o deputado Adroaldo Loureiro (PDT), autor do projeto.

“A decisão foi motivada pela morte de um adolescente de 15 anos em Porto Alegre, há duas semanas, vítima das agressões de um colega. Ele foi morto a tiros porque reagiu às frequentes humilhações a que era submetido pelos agressores. ”

### **2.3- Quem são os protagonistas de Bullying?**

A escola, como dito anteriormente, é o primeiro lugar de socialização do indivíduo, espaço onde ele interage com diferentes indivíduos e grupos, por isso possui um papel de suma importância na vida dos alunos. Por ser esse espaço é que a escola é o ambiente onde o Bullying é mais frequente. Neste capítulo definiremos quem são os protagonistas de Bullying dentro e fora da escola.

Geralmente existem três tipos de pessoas envolvidas nessa situação: a vítima, o espectador e o agressor.

As vítimas, geralmente, são pessoas que representam serem frágeis e que não dispõem de habilidades físicas e emocionais para reagir às agressões. São pessoas inseguras por vários motivos, entre os mais comuns: a baixa autoestima e o medo. Por outro lado há casos em que a vítima é uma pessoa segura e com autoestima elevada, se destacando das demais e isso acaba chamando a atenção dos agressores.

Para Silva (2010, p. 37) essas vítimas “estampam” facilmente as suas inseguranças na forma de extrema sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação, entre outros e esses pontos destacados são percebidos pelos agressores que se valem desses pontos para praticar o Bullying.

Já os espectadores ou testemunhas, geralmente, são aqueles que muitas vezes por medo da perseguição ficam calados, não tendo coragem de assumir a identidade do agressor ou é conivente com o sofrimento da vítima resolvendo não intervir. Segundo Silva (2010) há três tipos de espectadores: passivos, ativos e neutros.

Os espectadores passivos são aqueles que assumem essa postura por medo de se tornarem as novas vítimas dos agressores.

Já os espectadores ativos são aqueles que, apesar de não participarem dos ataques contra as vítimas, se manifestam através do apoio aos agressores seja com risadas ou palavras que incentivem os atos de violência.

Por fim, os espectadores neutros, grupo em que se pode perceber que, por uma questão sociocultural (advindos, muitas vezes, de lares desestruturados ou de comunidades em que violência faz parte do cotidiano) não demonstram sensibilidade diante das situações de Bullying presenciadas.

De acordo com Chalita (2008 apud Leão, 2010, p. 125), os espectadores “(...) aprendem a ser omissos e passivos para se defender (...)”. O medo em delatar o agressor ou defender a vítima pode transformá-los, na vida adulta, em cidadãos egoístas que aceitam e até mesmo legitimam as injustiças sociais.

Por fim, como protagonista das ações, temos os agressores. Os agressores são, no geral, o arquétipo do “valentão” que conhecemos, porém não é algo normal que uma pessoa se sinta bem com a dor e humilhação de outra. Os agressores buscam autoconfirmação e por isso agriem aqueles que se destacam.

Muitas vezes o agressor recorre à agressão e a prática de Bullying para descontar a raiva oprimida e a frustração, pois muitos deles já sofreram algum tipo de violência e, recorrem à ela, a violência, como meio de descontar a raiva, embora isso não seja regra.

### **3- CAMINHO METODOLÓGICO**

A metodologia utilizada no presente trabalho adotou os pressupostos do estudo de caso.

De acordo com Gil (2002), o estudo de caso é caracterizado pelo estudo exaustivo e em profundidade de poucos objetos, de forma a permitir conhecimento amplo e específico do mesmo; tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados.

A escola onde a pesquisa foi realizada se caracteriza por ser uma escola tradicional da cidade de Bagé-RS e de ensino privado. A escola oferece ensino fundamental e médio, além de algumas turmas da educação infantil.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos questionários para os alunos e questionários e entrevista semi-estruturada para os professores. Os professores antes de responderem ao questionário e às perguntas assinaram um termo de consentimento.

Entre os meses de março e abril de 2015 foram aplicados os questionários para os professores e os alunos, bem como as entrevistas que foram realizadas na segunda parte da pesquisa. Participaram da pesquisa 23 (vinte e três) alunos estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 6 (seis) professores do ensino médio da escola pesquisada, sendo que uma professora, também, faz parte da equipe gestora.

Os 23 (vinte e três) alunos responderam a um questionário com 9 (nove) perguntas,

constituídas da seguinte forma: 6 (seis) questões de múltipla escolha e 3 (três) dissertativas. Essas questões investigaram a visão dos alunos sobre Bullying e sua incidência ou não no ambiente escolar, bem como os espaços onde as agressões geralmente ocorrem.

Os 6 (seis) professores responderam a 1 (um) questionário contendo 12 (doze) questões sendo 9 (nove) de múltipla escolha e 3 (três) dissertativas sobre o período em que lecionaram na escola pesquisada, sua formação inicial e continuada, seus conhecimentos acerca de Bullying e os projetos que a escola desenvolve para debater o tema. A segunda parte da pesquisa com os professores constituiu-se de uma entrevista semi-estruturada gravada e transcrita para análise sobre as incidências ou não de Bullying na escola pesquisada e a forma como reagem diante de situações envolvendo Bullying.

#### **4- ANALISANDO OS DADOS COLETADOS**

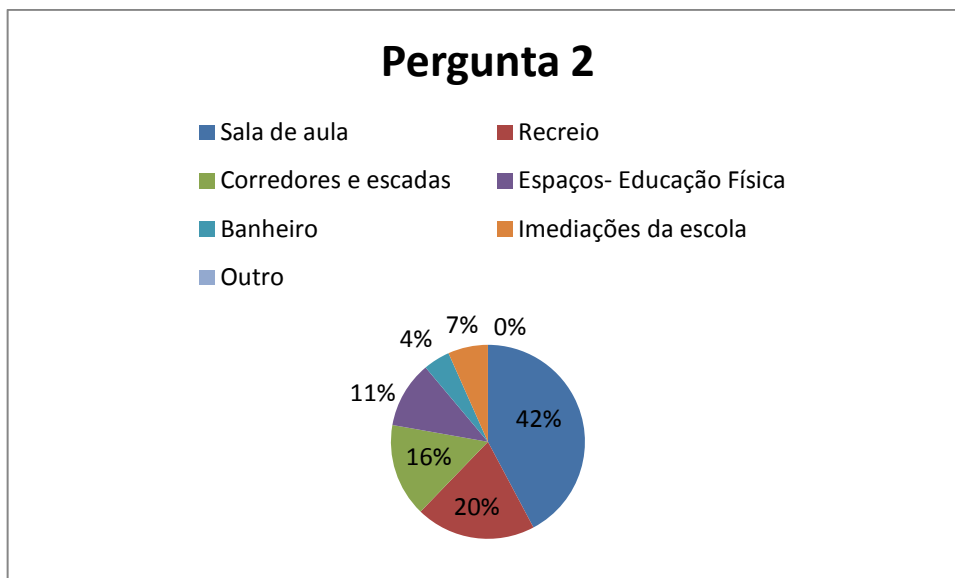
Analisaremos os dados coletados em duas partes: em um primeiro momento apresentaremos os resultados dos questionários dos alunos sobre a incidência ou não de Bullying na escola pesquisada e os lugares onde ele geralmente ocorre; em um segundo momento, analisaremos os resultados dos questionários e das entrevistas feitas com os professores confrontando-as às respostas dos alunos.

##### **4.1- Incidência de Bullying na visão dos alunos**

Dos 23 (vinte e três) alunos que se propuseram a cooperar com a pesquisa, 10 (dez) deles são meninos e 13 (treze) são meninas, com idades entre 12 e 14 anos, sendo a média de idade da turma de 13 anos. Analisaremos as respostas dos alunos diferenciando as repostas dos meninos das repostas das meninas, para comprovarmos ou não que os meninos se envolvem mais com o Bullying do que as meninas.

Ao questionarmos os alunos sobre as incidências de agressão na escola e arredores, a incidência mais citada entre eles foi a agressão verbal, onde os agressores ofendem suas vítimas com apelidos ofensivos. Veremos os detalhes no gráfico abaixo, sendo que os alunos poderiam citar mais de uma ocorrência.

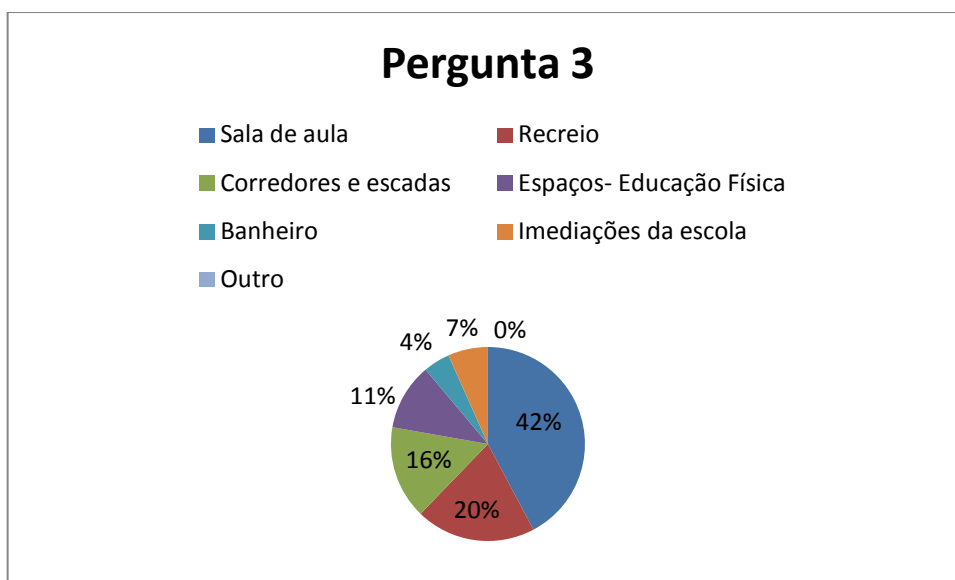
##### **Gráfico 1**



Podemos evidenciar que há agressões constantes na escola pesquisada, contudo elas não são através de agressões físicas, que são mais visíveis, mas ocorrem de forma mascarada através da agressão verbal.

Sobre a atitude que é tomada quando os alunos presenciam as agressões citadas anteriormente, a alternativa que teve mais escolhas foi “Nada”, mostrando a omissão dos alunos frente às agressões. Veremos os resultados no gráfico abaixo:

**Gráfico 2**

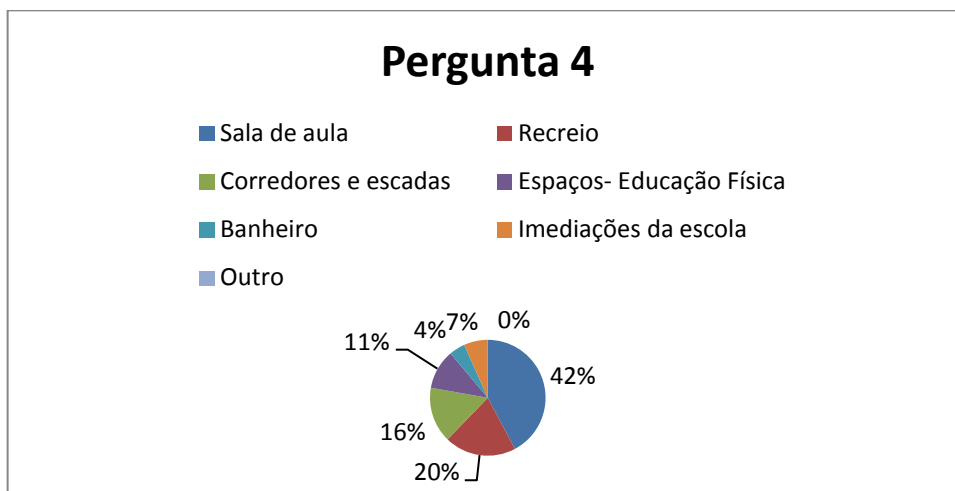


Estes resultados comprovam que as agressões são mantidas entre o grupo e que, mesmo ocorrendo incidência de Bullying os alunos não comunicam os docentes ou os pais.

A alternativa que questiona onde ocorrem as agressões, a mais citada entre os alunos foi “Sala de aula”, sendo que 100% meninas citaram este espaço. Veremos detalhes no gráfico

abaixo.

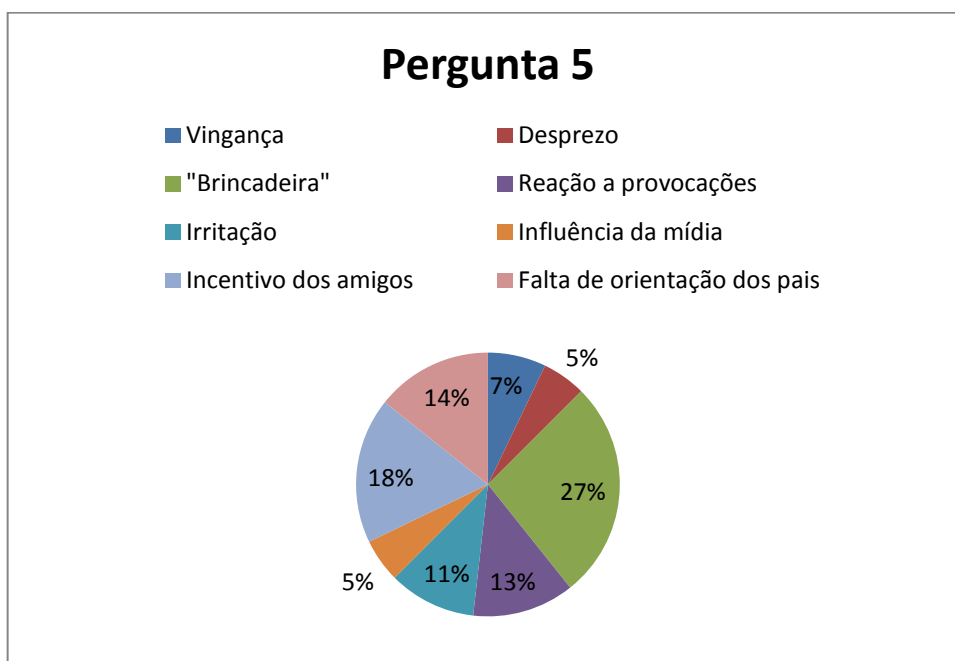
**Gráfico 3**



Os resultados obtidos nesta questão é que mais chama a atenção, pois apesar de ocorrerem agressões verbais sem a intervenção ou a comunicação aos professores e/ou responsáveis essas agressões não ocorrem fora da escola, nem em banheiros, corredores, calçadas ou na hora do recreio, mas dentro da sala de aula com a constante presença dos professores que, de acordo com as respostas dos alunos, não interveem.

Os alunos também foram questionados, em uma questão de múltipla escolha, sobre o que leva os agressores a praticarem Bullying, veremos os resultados no gráfico abaixo:

**Gráfico 4**



Através da resposta “Incentivo dos amigos” conseguimos identificar a presença do

espectador ativo, aquele que incentiva as agressões. Além disso, tanto professores como alunos acreditam que tais agressões são comuns e a consideram uma brincadeira.

A sexta pergunta do questionamento, de múltipla escolha, indagou se o aluno já agrediu alguém, 52 % responderam que sim contra 48%. Essa questão evidencia que há dois grupos bem definidos na escola pesquisada: um grupo de agressores que ora incentivam, espectadores ativos, ora são agressores e o grupo das vítimas que ora são vítimas e ora são espectadores passivos coagidos pelo medo. Além disso, conseguimos comprovar que os meninos se envolvem mais em Bullying do que as meninas.

No questionamento que busca saber se o aluno já sofreu ou não algum tipo de Bullying 15 (quinze) alunos responderam que sim e entre os meninos a resposta foi unânime: todos já sofreram algum tipo de Bullying na escola. Já entre as meninas 5 (cinco) responderam que sim e 8 (oito) que não sofreram Bullying. A pergunta também pede que eles descrevam a agressão sofrida, a maioria delas foram apelidos e agressões verbais. Um dos meninos relatou que sofreu ameaça e humilhação e outro que levou na “brincadeira”, reforçando a visão dos alunos como algo “normal” que sempre acontece. Esse questionamento comprova que os meninos são os mais envolvidos em caso de Bullying seja como vítima ou como agressor e que tais papéis não estão bem definidos, pois todos afirmam terem sido vítimas de Bullying. A resposta unânime dos meninos reitera que eles se envolvem mais com o Bullying do que as meninas.

Ao perguntarmos a visão sobre o Bullying, as respostas das meninas foram negativas, achando a prática algo “horrível” e “ridículo”, além de ser uma prática “desnecessária”. Uma das respostas das alunas cita que a vítima deve se impor frente ao agressor. Já as respostas dissertativas dos meninos variam indo de “Já acostumei” até “Nada, não sendo comigo já era”. As respostas masculinas, de um modo geral, provam que todos já sofreram Bullying e veem a prática como algo que “Sempre vai existir” e “Nunca vai acabar”, algo sem solução aparente. Neste questionamento percebemos que no princípio as vítimas até procuraram uma saída, seja pedindo intervenção da escola, professores, seja na família, contudo não vendo resultado decidiram ou virarem agressores ou “se acostumarem” com a situação.

A última questão pede que os alunos sugiram providências que, na visão deles, a escola deve tomar frente à essas agressões. De um modo geral os alunos sugerem que a escola puna de alguma forma o agressor, sendo citada a expulsão do agressor e a chamada dos pais ou responsáveis dos alunos. Houve uma resposta de um dos meninos que destacamos: “Se a escola tivesse tomada providências vários alunos teriam sido suspensos, pois a escola não sabe da metade do que acontece nas salas de aula”, tal depoimento evidencia a constante

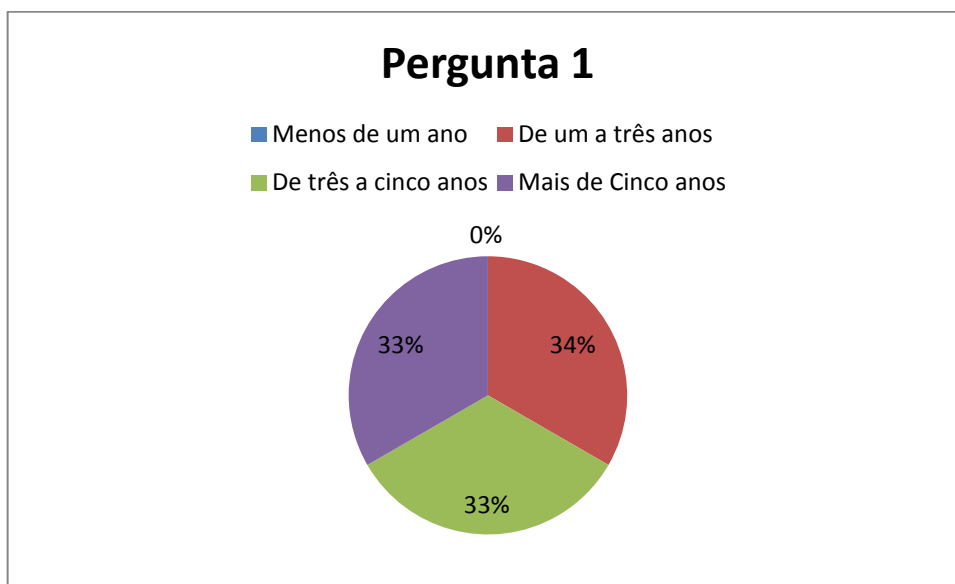
presença de casos de Bullying na escola e que acontecem dentro da sala de aula.

Conseguimos ter noção da presença de incidências de Bullying na escola pesquisada na visão dos alunos: agressores e vítimas, contudo o que mais chama a atenção é que as agressões ocorrem, frequentemente, dentro da sala de aula e são vistas como “brincadeiras” por parte deles.

#### 4.2- Incidência de Bullying na visão dos professores

Os professores responderam a um questionário e a uma entrevista semi-estruturada como foi dito anteriormente. Participaram da pesquisa 6 (seis) professores que aceitaram responder aos questionários e serem entrevistados sobre as incidências de Bullying na escola onde lecionam, veremos os resultados no gráfico abaixo:

Gráfico 5



Ao serem questionados sobre sua formação acadêmica: se eram apenas graduados ou se tinham alguma pós-graduação, os professores, de modo geral, responderem “Superior”, algo lógico visto que os envolvidos são professores das séries finais e, portanto, possuem graduação. Pode-se notar que 5 (cinco) deles possuem apenas a graduação e apenas 1 (um) tem especialização em educação. Nota-se, ainda, que o quadro de docentes que contribuíram com a pesquisa é bem diversificado.

A questão posterior do questionário busca saber se os professores discutiram ou estudaram no seu curso de graduação sobre Bullying, obtivemos como resposta para tal questionamento que 50% responderam que sim e os outros 50%. Em compensação a questão a seguir pergunta se os professores já participaram de algum curso na formação continuada



sobre Bullying e a resposta foi unânime que sim, que já estudaram sobre Bullying em cursos de formação continuada. Esta questão, também, foi perguntada na entrevista como meio de sondarmos o que, realmente os professores sabem sobre o tema.

A quinta questão é direcionada para as incidências de Bullying na escola e, novamente, a resposta dos 6 (seis) professores foi unânime em dizer que sim, na questão seguinte questionamos a incidência de Bullying fora da escola e obtivemos as mesmas respostas, contudo tais respostas, como veremos, divergem das falas dos professores nas entrevistas

Na sétima questão buscamos saber se a escola desenvolve ou desenvolveu algum trabalho sobre Bullying e 5 (cinco) professores responderam que sim e apenas 1(um) respondeu que não, um professor que leciona há pouco tempo na escola (de um a três anos). Contudo, ao serem questionados sobre o projeto desenvolvido os professores que responderam que sim mencionaram, em unanimidade, “palestras”. Desse modo, fica evidenciado, que não há nenhum projeto contínuo e/ou sistemático sendo desenvolvido na escola sobre o tema.

Ao serem questionados, na nona questão, se o tema Bullying é discutido ou não na escola e com que frequência ocorre essa discussão 4 (quatro) dos professores responderam que há discussão sobre Bullying, contudo as respostas se contradizem tendo como resultado 2 (dois) professores indicando “Às vezes” e 2 (dois) indicando “Frequentemente”. Além disso, 2 (dois) dos professores responderam que o tema não é discutido na escola. Conseguimos notar que os docentes não conseguem entrar em consenso sobre o tema, tentando esquivar-se de respostas negativas.

Quando questionados sobre seu conhecimento de todos os tipos de Bullying todos os professores responderam que conhecem todos os tipos, inclusive o Cyberbullying e o Bullying Cyberstalking.

O segundo momento da pesquisa com os professores, constituiu-se de uma entrevista semi-estruturada com os envolvidos contendo 13 (treze) perguntas com intuito de sondar as incidências de Bullying na escola e como os professores as notam ou não e permitir que os professores fossem além, comentando fatos e discorrendo sobre o tema.

A primeira pergunta da entrevista questiona a visão do professor sobre o relacionamento com os estudantes, 5 (cinco) dos docentes afirmaram que o relacionamento dos alunos é muito bom, contudo alegaram que há a incidência de “brigas” e empurrões, mas que são vistos como algo normal, inclusive que tais incidências são “normal de criança”. A única professora que respondeu negativamente à pergunta disse que o relacionamento é “meio difícil” principalmente para os alunos “menos populares”. É interessante salientarmos que os

professores que responderam que o relacionamento entre os alunos é bom, distinguiram os alunos inclusos dos outros, afirmando que a relação é boa, inclusive com os colegas que possuem “necessidades especiais”. Notamos, dessa forma, que os professores não levam a sério as agressões ocorridas na escola, achando normal o estágio de barbárie em que nos encontramos.

A segunda pergunta questionou se os docentes têm presenciado ou não atitudes agressivas entre os alunos e as respostas de todos foram positivas. Contudo, os professores afirmaram que não são “agressões fortes”, mas geradas pelo atrito no recreio, no jogo de futebol e nas “brincadeiras de empurrar”. Notamos que os professores, mesmo presenciando atos agressivos e constantes entre os alunos, consideram “brincadeira” ou um fato normal, com exceção de um dos entrevistados que afirma que os alunos “por qualquer coisa (...) estão brigando”. Percebemos com esta questão que apenas uma professora discorda de todos os outros entrevistados que, na entrevista procuraram a todo o momento omitir suas opiniões, pensando muito bem no que responder e negando que as agressões sejam Bullying.

A terceira pergunta questionou os professores sobre que atitudes eles adotam quando presenciam incidências de Bullying na escola. Nesta questão não houve divergências sobre o que fazer, de modo geral os professores ao verem um aluno praticando Bullying chamam-lhe a atenção, conversando em sala de aula e, se necessário, conversando, também, com o pais. Um dos entrevistados acredita que a raiz desse problema está fora da escola, ou seja, na família.

A quarta pergunta feita aos professores sonda a presença de Bullying na escola, se eles presenciaram ou ouviram falar. Uma das professoras responde que há anos atrás havia um aluno agressor, mas que, atualmente, não se encontra mais na escola. Outra professora é evasiva em sua resposta, afirmando que há entre os alunos incidências de gozações, apelidos por causa do cabelo, do peso, mas que não vê isso na escola pesquisada, contudo sempre afirma que há sim incidências de Bullying. Ainda, outra entrevistada também é evasiva em sua resposta, buscando não se comprometer, mas afirmando que há “cochichos”, “deboches”, mas que a mesma não “saberia falar” por nunca ter presenciado na escola a incidência de Bullying. As demais professoras responderam que tem presenciado a exclusão de alunos dos grupos sociais, ocorrendo com maior frequência no recreio.

A quinta pergunta interrogou a respeito da frequência das agressões citadas anteriormente na escola. As respostas dos entrevistados pouco divergem, sendo que 5 (cinco) afirmam que não ocorrem com frequência ou ocorrem com pouca frequência e 1 (um) respondeu que é constante as agressões na escola. Novamente apenas uma resposta discorda

de todas as outras. É importante notarmos que uma entrevistada afirma que há sempre incidência de Bullying na escola enquanto que outro grupo tenta, a todo o momento, negar essas incidências.

A sexta questão propõe que os docentes indiquem os locais onde ocorrem as agressões e onde a incidência é menor. A resposta dos entrevistados diverge da resposta dada pelos alunos, pois de acordo com os professores as agressões ocorrem com mais frequência no recreio, na entrada e/ou na saída e com menor incidência dentro da sala de aula, local apontado pelos alunos como de maior incidência de agressões. Dois entrevistados responderam que não saberiam responder a pergunta porque não ocorre Bullying na escola, contradizendo suas respostas anteriores.

A sétima pergunta da entrevista questiona se é frequente na escola casos de Bullying que necessitem a intervenção dos funcionários. Obtivemos duas respostas iguais: “Não”, uma que retoma o caso citado na questão 4, uma que afirma que sim, é frequente, e outra que diz não saber responder, mas que em sua aula nunca presenciou.

A oitava pergunta feita aos entrevistados procurou definir, na visão dos professores, os grupos onde as incidências são mais recorrentes. As respostas desta questão não divergem das anteriores onde temos duas professoras que afirmam não existir casos de Bullying na escola e uma que isola um caso que ocorreu no passado, contudo há uma resposta que diz ocorrer nas séries finais do ensino fundamental. Portanto, não foi possível identificar quais grupos são alvos de Bullying com maior frequência na escola.

A nona pergunta questionou as providências e intervenções tomadas pela escola pesquisada em relação ao Bullying e temos divergências nessa questão. A professora que citou um caso ocorrido em sua turma diz que as intervenções dela foram trabalhos em grupo como o objetivo de conscientizar seus alunos. Duas afirmam que as intervenções são o diálogo com os alunos e uma das professoras disse não saber responder pelo seu pouco tempo de docência na escola. Além disso, duas afirmaram que nenhuma providência é tomada e outra aponta as palestras, dadas aos alunos e comunidade escolar, como intervenção.

Na décima pergunta, questionamos os professores sobre como a escola deve prevenir as incidências de Bullying, os entrevistados concordam que o diálogo entre alunos e pais é a melhor prevenção para tais incidências. Uma professora citou, novamente, as palestras como prevenção e outra que a escola deve orientar e não deixar os casos isolados se agravarem.

A décima primeira questão investigou se os professores já procuraram ajuda de algum especialista. Duas responderam que procuraram a coordenação da escola, uma respondeu que já conversou com a psicóloga da escola, duas que nunca precisaram e uma afirmou ter

procurado profissionais de fora da cidade.

A penúltima pergunta questionou, na visão dos professores, como é relação entre alunos-alunos e alunos-professores. As respostas, dessa vez, foram unânimes, todos os entrevistados acreditam que a relação alunos-professor é boa e repleta de carinho, com raras exceções de alunos “mais atrevidos”.

A última pergunta feita aos professores questionou o contato dos entrevistados com o tema, se elas já haviam estudado em sua vida acadêmica ou em cursos de formação continuada. Dessa vez as respostas divergem, a professora que citou o caso ocorrido em sua turma disse que na época em que se formou o Bullying não existia, outras duas afirmaram que não ouviram falar de Bullying na vida acadêmica, apenas posteriormente. E por fim 3 (três) afirmaram ter discutido o tema na academia com constância. Respostas que reiteram as respostas dadas pelos professores no questionário.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos concluir, com a presente pesquisa qualitativa, que na escola pesquisada há a incidência de Bullying, ratificando que a segunda hipótese da pesquisa é válida, pois conseguimos notar que, na visão dos alunos, evidenciadas pelas respostas do questionário, há a constante incidência de Bullying através das agressões verbais e o local onde ocorrem com mais frequência é dentro da sala de aula. Além disso, as respostas dos professores comprovam que a escola não desenvolveu ou desenvolve nenhum projeto sobre Bullying, apenas palestras que, como vimos, surtem pouco efeito. Outro ponto que comprova que a segunda hipótese é válida é que mesmo tendo casos de Bullying, onde uma das entrevistadas afirma que há a incidência de Bullying e outra que confirma um caso, o que foi parar na justiça, a escola nega e procura de todas as formas esconder tais casos, tratando alguns como isolados e, portanto, apenas agressões e não Bullying propriamente dito.

É importante notarmos, também, que a visão dos professores sobre as incidências de Bullying é parecida: não há Bullying, mas casos de agressão que são “normais” para idade deles ou que se configuram como “brincadeira de criança”. Portanto, a reação dos professores frente às incidências de Bullying é passiva e conivente.

Concluimos que a escola pesquisada apresenta incidências de Bullying e as nega, dessa forma dificulta as intervenções dos professores e não admite que haja um projeto consistente onde se admita a presença das incidências da Bullying e mobilize toda a comunidade escolar no intuito de diminuir e, quiçá extinguir, tais incidências na escola.

Ao compreendermos como e porque se dá o Bullying, a partir da realidade de uma escola privada da cidade de Bagé, acreditamos que poderemos entender melhor e de forma mais ampla e significativa o que é e como se dá esta agressão, para quando, efetivamente, estiver inserida neste contexto saber como trabalhá-lo e intervir corretamente. Além disso, será possível a identificação, com mais facilidade, de Bullying e seus efeitos nos alunos, procurando meios de diminuir e minimizar tal prática nas escolas.

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo presentar y discutir la ocurrencia de Bullying en una escuela privada de Bagé-RS. Por lo tanto, hemos desarrollado una investigación cualitativa en perspectiva de estudio de caso. El objetivo de esta investigación fue investigar la ocurrencia de Bullying en una escuela privada Bagé-RS e identificar el camino que los profesores reaccionan a estas prácticas. Fueron entrevistados 23 (veinte tres) estudiantes y seis (6) profesores de la escuela investigada por la presencia de Bullying en la escuela y los métodos adoptados por los profesores con el fin de reducir este tipo de incidencias. Los resultados mostraron que las situaciones de Bullying ocurren y que tales prácticas comienzan, en general, en el aula y se extienden fuera de él. Podemos observar que los profesores, frente a este tipo de prácticas, adoptan una actitud pasiva, no están involucrados y creen que este tipo de incidentes son normales y / o un juego de niños. También hemos notado que todavía no hay una acción conjunta entre profesores, padres y alumnos de la escuela con el fin de reducir este tipo de incidencias de Bullying dentro y fuera de la escuela.

**Palabras-clave:** Bullying, Educación, Escuela Privada.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, C. M. **Bullying: Auto-estima e diferenças de gênero**, 2009, 71f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. **As implicações de Bullying na auto-estima de adolescentes**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. vol. 14, num. 1, janeiro-junho, 2010, pp. 131-138. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

BINSFELD, A.R.; LISBOA, C.S.M. **Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar**. 2010. Disponível em <[http://abpri.files.wordpress.com/2010/12/interpersona-41\\_4.pdf](http://abpri.files.wordpress.com/2010/12/interpersona-41_4.pdf)> Acesso em 14/11/2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação- MEC. **Resolução cd FNDE nº 17/2009**. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br>> Acesso em 13/11/2014;

CALHAU, L. B. **Bullying: o que você precisa saber- Identificação, prevenção e repressão.** 2ª. Ed. Niterói: Impetus, 2010.

CAVALCANTE, M. **Como lidar com as brincadeiras que machucam a alma.** Revista Nova Escola, num. 178, dezembro, 2004. Disponível em <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiopedagogico/publicacao/2397\\_brincadeirasmachucam.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/roteiopedagogico/publicacao/2397_brincadeirasmachucam.pdf)> Acesso em 16/11/2014.

CRAIG, W.M.; HAREL, Y. Bullying, physical fighting and victimization In: C. CURRIE; C. ROBERTS; A. MORGAN; R. SMITH; W. SETTERTOBULTE; O. SAMDAL; V. BARNEKOW RASMUSSEN. **Young people's health in context: International report from the HSC 2001/02 survey. WHO policy series: Health policy for children and adolescents Issue 4.** Copenhagen: WHO, 2004.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Gente, 2008. In: LEÃO, L. G. R. O fenômeno de Bullying no ambiente escolar. Revista Facev, vol. 1, num, 04, janeiro-junho, 2010, pp. 119-135. Disponível em: <<http://www.facev.edu.br/Revista/04/O%20FEN%20C3%94MENO%20BULLYING%20NO%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20-%20leticia%20gabriela.pdf>> Acesso em: 04/02/2015.

CHAUÍ, M. Senso Comum e transparência. In: **O Preconceito.** São Paulo, Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial, 1996/1997. Disponível em <<http://www.dhnet.or.br/direitos/sos/discrim/preconceito/sensocomum.html>> Acesso em 13/11/2014.

DAMKE, A. S. **O Bullying na Escola: Uma violência mascarada.** Cachoeira do Sul: Ulbra, 2007.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz.** 6ª Ed. Campinas: Versus editora, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, P. K. e SANTOS, A. M. **Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil.**, Revista Textos & Contextos, vol. 7, num. 2, 2008, pp. 286-301, Porto Alegre, Brasil.

JESUS, D. E. de. **Stalking. Jus Navigandi**, Teresina, ano 12, num. 1655, 12 jan. 2008. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=10846>> Acesso em: 14/11/2014.

LEÃO, L. G. R. **O fenômeno de Bullying no ambiente escolar.** Revista Facev, vol. 1, num, 04, janeiro-junho, 2010, pp. 119-135. Disponível em: <<http://www.facev.edu.br/Revista/04/O%20FEN%20C3%94MENO%20BULLYING%20NO%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20-%20leticia%20gabriela.pdf>>. Acesso em: 04/02/2015.

LISBOA, C., BRAGA, L.L e EBERT, G. **O fenômeno Bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção.** 2009.

Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822009000100007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822009000100007&script=sci_arttext)> Acesso em 14/11/2014;

LOPES, A, NETO, A.. (2005). **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.

MARTINS, M. J. D. (2005). **O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados.** *Revista Portuguesa de Educação*, In: NAIFF, L. A. M. ; NAIFF, D. G. M. **Aspectos psicossociais da evasão escolar de jovens e adultos da região metropolitana do Rio de Janeiro.** In: Congresso Norte-Nordeste psicologia, 2013, Fortaleza. *Revista do IEEE América Latina*. Fortaleza: CONPSI, 2013. v. 1. p. 1-1. Disponível em <<http://r1.ufrj.br/wp/ppgpsi/wp-content/uploads/projetoFracassoescolar.pdf>> Acesso em 15/11/2014.

MICHAUD, Y. **A violência.** São Paulo: Ática, 1989.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos.** São Paulo: Artmed, 2008.

MINAYO, M. C. S. (org) **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999. In: NUNES, R. A. **Pais omissos, filhos tiranos. A família e a formação de agressores.** 2012. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N205177.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205177.pdf)> Acesso em 16/11/2014.

NAIFF, L. A. M. ; NAIFF, D. G. M. **Aspectos psicossociais da evasão escolar de jovens e adultos da região metropolitana do Rio de Janeiro.** In: Congresso Norte-Nordeste psicologia, 2013, Fortaleza. *Revista do IEEE América Latina*. Fortaleza: CONPSI, 2013. v. 1. p. 1-1. Disponível em <<http://r1.ufrj.br/wp/ppgpsi/wp-content/uploads/projetoFracassoescolar.pdf>> Acesso em 15/11/2014.

NUNES, R. A. **Pais omissos, filhos tiranos. A família e a formação de agressores.** 2012. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N205177.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205177.pdf)> Acesso em 16/11/2014.

OLIBONI, S. P. **O Bullying como violência velada: a percepção e a ação dos professores.** 2008. vi, 109f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

OLWEUS, D. **Bullying at school: What we know and what we cando.** Londres: Lackwell, 1993.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RODRIGUES, Dicíola. **CyberBullying: O amplificador virtual de Bullying.** *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, publicado em 25 de janeiro de 2011. Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0280.html>. Acesso 17/11/2014.

RUBLE, D. ; MARTIN, C. L. **Gender development**, 1998, In: BINSFELD, A.R.; LISBOA,

C.S.M. **Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar.** 2010. Disponível em <[http://abpri.files.wordpress.com/2010/12/interpersona-41\\_4.pdf](http://abpri.files.wordpress.com/2010/12/interpersona-41_4.pdf)> Acesso em 14/11/2014.

SHILLING, F. **A sociedade da insegurança.** São Paulo: Moderna, 2004;

SIQUEIRA, R. de A. **A problemática de Bullying na prática docente.** Disponível em: <[http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_5826/artigo\\_sobre\\_Bullying](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_5826/artigo_sobre_Bullying)> Acesso em 17/11/2014.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas Bullying.** Rio de Janeiro: Fontana, 2010.

SMITH, P. K., SHARP, S. **The problem of schdl bullying.** In: PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

Rio Grande do Sul. **Lei 13.474 de 2010.** Disponível em <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Legislacao/Estadual/Lei%20n%C2%BA%2013474-10-%20RS-Bullying.doc>> Acesso em 25/07/2015.

UOL, **Notícias sobre Legislação e Bullying.** Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2010/05/26/lei-antibullying-e-aprovada-por-unanimidade-na-assembleia-gaucha.htm>> Acesso em 25/07/2015.





## Questionário

Eu, Aline Luiz Garcia, acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, estou realizando uma pesquisa intitulada **Estudo de caso: Bullying em uma escola de Bagé..** Este questionário é de suma importância para a realização da pesquisa citada acima. Desta forma solicito a sua colaboração, respondendo as perguntas a seguir:

1. Você já participou de alguma formação sobre Bullying?  
 sim  não
2. Você já presenciou alguma prática dentro da escola relacionada com o Bullying?  
 sim  não
3. Você já presenciou em algum outro espaço alguma prática relacionada com o Bullying?  
 sim  não  
A escola já ofereceu algum projeto sobre o Bullying? Se sim, quando foi? Se não, você acha que deveria ter?  sim  não

- 
- 
- 
4. O tema Bullying é discutido dentro da escola?  
 sim  não
  5. Você conhece todos os tipos de Bullying?  
 sim  não
  6. Você conhece ou já ouviu falar do cyberbullying e cyberstalking?  
 sim  não
  7. Você sabe diferenciar o fenômeno Bullying de outros tipos de violência?  
 sim  não
  8. Você concorda que o Bullying é caracterizado por atos repetitivos?

sim  não

9. Você acha que esse tipo de comportamento, ou seja, o Bullying pode trazer consequências para as vítimas?

sim  não

10. Você aceita participar da pesquisa respondendo a uma entrevista?

sim  não



Essa entrevista é parte integrante da pesquisa intitulada **Estudo de caso: Bullying em uma escola de Bagé**

Graduanda responsável: Aline Luiz Garcia

PERFIL DO ENTREVISTADO(A):

Nome/pseudônimo:

Idade:

Formação:

1. Como você percebe o relacionamento entre os alunos?

2. Você percebe situações de agressividade entre os alunos? Poderia falar sobre essas situações?

3. Como você acha que deve ser a reação do professor diante de casos de Bullying?

4. Na escola ocorrem ações que podem ser consideradas como Bullying?

A- Ouvia relato de alguma delas (como era a situação? Quem relatou?).

B -Você já presenciou alguma delas? (relate alguma delas).

5. Qual a frequência e a gravidade destas ações na escola?

6. Em qual(is) local(is) da escola, a prática dessa violência é mais frequente? E o(s) local(is) que esse tipo de violência é menos frequente?

7.É frequente na escola haver casos de Bullying em que seja necessária a intervenção dos funcionários?

8.Para você, nesta escola há uma faixa etária em que esse tipo de violência está mais presente? Uma ano? Um turno?

9. Quais medidas são necessárias para prevenir o Bullying? Quais delas a escola já tomou ou costuma tomar?

10.De que forma a escola e professores podem tentar prevenir essa situação?

11. Você já buscou ajuda de alguém? De um especialista? De quem?Como foi a resposta?

12. A - No geral, como é a relação entre os alunos (aluno/aluno) nesta escola? B – E entre alunos e professores? (aluno/professor)?

13.Na sua vida acadêmica estudou alguma vez sobre o Bullying? Fora esta pesquisa, já tinha ouvido falar de Bullying? Explique.



### Questionário

Eu, Aline Luiz Garcia, acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, estou realizando uma pesquisa intitulada **Bullying: Um olhar a partir de uma escola privada**. Este questionário é de suma importância para a realização da pesquisa citada acima. Desta forma solicito a sua colaboração, respondendo as perguntas a seguir:

1. Idade? ( ) 0 a 10 anos ( ) 10 a 17 anos

Sexo? ( ) Feminino ( ) Masculino

2. O que você pensa sobre o problema do Bullying dentro da escola?

---

---

---

3. Você viu alguém ser vítima de alguma(s) agressão(ões) relacionada(s) abaixo, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações.

a) Empurrar com violência?

b) Ameaçar?

c) Fazer gozações/ humilhar?

d) Bater?

e) Chamar nomes ofensivos?

f) Levantar calúnias /rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)

g) Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)?

4. O que você fez?

( ) Nada

( ) Fugi /tive medo

( ) Recorri a alguém

( ) Pedi ao agressor para parar

( ) Aproximei-me para ver

- Apoiei o agressor
- Ri da situação
- Apoiei o agredido
- Pedi para afastar-se do agressor
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

5. Onde ocorreram essas situações?

- Sala de aula
- Recreio
- Corredores e escadas
- Espaços - Educação Física
- Banheiro
- Na saída ou na entrada
- Imediações da escola
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

6. Na sua opinião, quais as razões que levam uma pessoa a ter esse comportamento?

- Vingança
- Defesa de outros colegas
- Desprezo
- "brincadeira"
- Reação a provocações
- Irritação
- Influência da mídia
- Incentivo dos amigos
- Falta de orientação dos pais

7. Já agrediu alguém? ( ) Sim ( ) Não - O que você sentiu?

---

---

---

8. Você acha que a violência pode interferir no rendimento escolar?

- Sim ( ) Não - Explique?

---

---

---

9. Você já sofreu algum tipo de Bullying? Sim ( ) Não ( ) - Qual?

---

---

---

10. Relate sua opinião sobre como as escolas devem enfrentar esse tipo de violência e como agir com os alunos agressores.

---

---

---